

# Bakhtin e o grupo BMV: incongruências de uma Linguística ortodoxa

*Bakhtin and the BMV group:  
incongruences of an orthodox Linguistics*

■ CIRO MARCONDES FILHO \*

## RESUMO

Para os autores russos, um signo tem que ser fiel à realidade, mas o que é, de fato, «ser fiel», o que é «realidade»? Eles sugerem que o pensamento só se estrutura por signos - como Peirce, que nega a realidade dos sonhos - exagerando na afirmação que o ato de sentir fome é expressão ideológica e os gritos de um recém-nascido já são manifestações apreciativas desse novo ser. Tais autores inspiraram o estruturalismo, dizendo que um semidiscorso estrutura os homens. Apesar dessa instância, a palavra permanece neutra, afirmação estranha às suas raízes hegelianas e marxistas; o paradigma deles, ao contrário, só pode ser heideggeriano, segundo o qual só existe o ser «marcado»: olhando uma determinada coisa, eu a «situo», eu a enquadro em seu contexto. Situar é atribuir sentido e isto é mais estoico do que, de fato, marxista.

**Palavras-chave:** linguística, ideologia, signos, Saussure, formalistas, estoicos

## ABSTRACT

For these Russian authors, a sign has to be faithful to reality but what is, in fact, «to be faithful», what is «reality»? They suggest that thought structures itself only by means of signs - as Peirce, who denies the reality of dreams saying that the act to feel hunger is an ideological expression and the shouts of a new-born are already appreciative manifestations of this new human being. The authors had inspired the structuralism, saying that a «semidiscourse» structures men. Although this instance, word remains neutral, assertion strange to their Hegelian and Marxist roots; their paradigm in contrast, can be Heideggerian, according to which, only the «marked» being exists: looking at one determined thing, I place it, I fit it in its context. To place something is to attribute sense and that is more Stoic than, in fact, Marxist.

**Keywords:** linguistic, ideology, signs, Saussure, formalism, stoicism

\* Professor Titular da  
Escola de Comunicações  
e Artes da USP.

## BAKHTIN, VOLOCHÍNOV E MEDVEDEV, O GRUPO BMV E AS POSIÇÕES INGÊNUAS

NA MESMA ÉPOCA em que em Viena já operava intensivamente o Círculo Positivista Lógico e na Alemanha se constituía o grupo de Frankfurt em torno de Max Horkheimer, formava-se, na Rússia, o grupo BMV, voltado ao estudo crítico da linguística ocidental, à crítica a Freud e aos próprios formalistas russos. Dos três componentes, apenas Mikhail Bakhtin sobreviveu ao estalinismo. Seus dois companheiros morreram: Volochínov, provável co-autor de *Marxismo e filosofia da linguagem*, publicada em 1929, falece em 1934, e Medvedev desaparece num campo de concentração russo em 1938.

O desaparecimento de dois dos três componentes do grupo lança várias suposições e suspeitas sobre o trabalho conjunto. Por que Bakhtin jamais teve problemas sérios com o estalinismo, continuando a ensinar, a publicar seus livros, a pesquisar sobre Dostoievski e Rabelais? Será que Volochínov e Medvedev eram apenas figuras secundárias, que emprestaram seus nomes para que Bakhtin pudesse publicar suas ideias sem ser perseguido? Ou, foi o contrário, eles teriam realmente escrito os livros? Não seria interesse da própria União Soviética apagar uma história negra de enviar para o campo de extermínio intelectuais perigosos? Por que Bakhtin era tido como «mestre» se os outros dois tinham sua idade?

Na abertura da obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, Roman Jakobson afirma categoricamente que os livros foram escritos por Bakhtin. Igualmente a apresentadora da obra, Marina Yaguello, reforça a tese de que os outros dois ex-colaboradores apenas emprestaram seus nomes e que “não há dúvidas quanto à paternidade das obras”. Mas esta não é a opinião de Tzvetan Todorov, autor de *Mikhail Bakhtin, o princípio dialógico*, em 1981. Todorov diz que dos livros, três artigos assinados por Volochínov devem ser restituídos a Bakhtin, entretanto, *Sobre o freudismo*, de 1927, havia sido precedido de um estudo copioso (*Do lado do social. Ensaio sobre o freudismo*, publicado em 1925), atribuído por todos a Volochínov. Da mesma forma, ninguém propõe a paternidade de Bakhtin a *O método formal*, de Medvedev, que havia sido precedido pelo artigo, “*As atuais tarefas da ciência histórico-literária*”. Para Todorov, as três obras, *O freudismo*, *O método formal* e *Marxismo e filosofia da linguagem* são, tanto na forma como na sua orientação, fortemente polêmicas, muito distantes do estilo que Bakhtin dá a seu trabalho sobre Dostoievski, de 1929, e nas obras seguintes. Ou seja, diz ele, não dá para simplesmente apagar esses nomes.

Assim, procederemos neste ensaio, pelo menos no que diz respeito a *Marxismo e filosofia da linguagem*: a citaremos como obra dupla, tanto de Bakhtin como de Volochínov. Diga-se de passagem, que o livro, segundo nossa

leitura, demonstra uma nítida mudança estilística a partir do capítulo 4. Os anteriores, 1 a 3, são mais taxativos, austeros, dogmáticos; já a partir do 4, quando se inicia a questão da linguística propriamente dita, o tom já se torna mais modesto, a linguagem é mais branda, precisa, detalhista. Pode-se inferir que Volochínov tenha inspirado o início do livro, enquanto Bakhtin deve ter se ocupado do resto, não excluindo a hipótese de ter havido anotações cruzadas nesta obra.

Havia, nesse saber iniciante, na argumentação presumivelmente de Volochínov, os vícios de uma retórica, comum nos textos de materialismo histórico e dialético do século 20, que aspirava impor-se pelo estilo e não pela razão. As primeiras páginas de *Marxismo e filosofia da linguagem* buscam demonstrações «verdadeiramente objetivas», lógicas inquestionáveis, afirmações de validade incontestável. Não faltava o tom doutoral, a postura professoral de quem fala *ex cathedra* e busca validar aquilo que diz como sendo o verdadeiro, o justo, o correto. Tal é, por exemplo, a intenção dos autores de construir uma “psicologia verdadeiramente objetiva” (Bakhtin/Volochínov, 1929: 48), e de “apreensão objetiva da vivência interior” (Ibid.). O marxismo da época não via fronteiras para suas aspirações iluministas. Para eles, o signo interior – conceito discutível do ponto de vista lógico – é algo que pode ser acessado pelo fato de poder ser exteriorizado, ou seja, já que é real, então é racional, não havendo, portanto, espaços insondáveis para o método.

Isso porque o núcleo de sentido da lógica que preside os primeiros capítulos da obra é a questão da ideologia, na acepção marxista, como objeto de estudo a ser submetido à luz objetiva, «científica», do método proposto. Para tanto, os autores usam-se da lógica dual, segundo a qual os objetos possuem dupla dimensionalidade, a de serem coisas em estado puro e, eventualmente, também signos ideológicos.

Dizem Bakhtin e Volochínov que os objetos, os produtos, em suma, qualquer criação humana, é tanto produto como «outra coisa», algo que, além de ser si mesmo, reflete e refrata uma realidade que lhe é exterior, espelho de algo que é estranho ao objeto, que lhe foi adicionado: “Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo” (Bakhtin/Volochínov, 1929: 31). Ora, esta última frase não contém nada de novo, se considerarmos que os homens atribuem normalmente significado às coisas, estas só existem em sociedade quando qualificadas; a questão é outra, é supor uma existência anterior, «isenta» de significados.

Os autores vão insistir em toda primeira parte da obra na separação entre os fatos ou objetos «naturais», que estão fora do campo da ideologia, e que são objeto de estudo do biólogo, do botânico, do físico, que seriam objetos

«discretos», mas que adquirem posteriormente o estatuto de signos por atribuição ideológica. Por exemplo, a foice seria um objeto de trabalho trivial do camponês, mas, associada ao martelo, torna-se signo ideológico, ganha outra dimensão, «fetichiza-se», por assim dizer. Cabe, portanto, ao estudioso materialista dialético dissolver esse nó, mostrar a dualidade, demonstrar que a outra dimensão é forjada, tem fins escusos, é produto de intenção falsificadora.

O modelo de raciocínio é idealista, marcado pela lógica da alienação, que Marx apropria de Hegel. O dualismo já existia no próprio Hegel, que, ao colocar a questão se o que pensamos está em correspondência ou não com o que a coisa de fato é, remete a discussão para a alienação do Espírito, que, para se realizar, deve se exteriorizar, objetivar-se numa obra e, ao mesmo tempo, tornar-se estranho a si mesmo. Da mesma forma são os objetos para Volochínov e Bakhtin, a foice, o martelo, o vinho, o pão. Realizam-se exteriorizando-se, objetivando-se e tornando-se estranhos a si mesmos. O projeto destes estudiosos, então, é o de restituir a forma original, ou, em termos hegelianos, revelar a finitude das coisas pelo conhecimento de sua essência e pela existência.

O modelo hegeliano foi relido por Feuerbach em seu estudo sobre a essência do cristianismo. Para este filósofo, o homem projeta em Deus as qualidades que, em verdade, são dele mesmo e, por esse motivo, torna-se, ele também, estranho a si próprio. Marx vai dizer que isso não basta; a crítica à religião é setorial, deve-se ir mais a fundo, buscar a causa de o homem recorrer ao “ópio do povo”. No trabalho assalariado revela-se o caráter econômico da alienação: o trabalhador, vendendo sua força de trabalho, torna-se estranho a seu próprio trabalho.

Restituir a forma original, portanto, é buscar a coisa na sua situação pré-sígnica, pré-ideológica, ao estilo dos *fanerons*, de Peirce, como o grito do animal, pura reação do organismo à dor (Bakhtin/Volochínov, 1929: 45). Mas isso não é o que acontece com a foice, o vinho, o pão. Todos esses são objetos «marcados». Não existe a foice em estado puro, nem o martelo, nem o vinho. Todos esses objetos, ao serem criados, trazem em seu corpo as marcas de sua história. Heidegger criticava Husserl, pois dizia que este, ao deparar-se com uma mesa, dava voltas em torno dela, obtinha múltiplos aspectos visuais que, reunidos, combinam-se na ideia de “mesa”: “Isto é uma mesa” (Inwood, s/d). Ele juntava tudo o que sua memória retinha da noção de “mesa” e, ao deparar-se com esta, constatava que esta era uma mesa. Ele a identificava por um olhar técnico, como o do marceneiro ou do matemático, que reconhece a mesa por suas características circulares, retas, por seus ângulos etc. Futuras mesas ele vai perceber da mesma forma, pelo caminho da «protenção», estendendo aquilo que ele conhece das outras mesas que viria a conhecer.

Martin Heidegger já vê diferente. Ele não apenas vê uma mesa, ele vê «a» mesa, inicialmente como o usuário da peça. Nesta mesa, diz ele, eu como, eu escrevo, eu deixo meus papéis; diante dela eu me sento como alguém determinado a fazer alguma coisa. Considero a distância da luz, dos objetos, da porta, vejo se estou confortável diante dela. Mas, sentado à mesa, vejo a janela, as pessoas lá fora, a natureza, o céu azul, em suma, todo o conjunto do qual a mesa faz parte. Tudo isso ganha significabilidade para mim. Este objeto, a mesa, não é apenas algo que existe, é, também, algo que eu tenho à mão, que me serve. Mais ainda, a mesa representa para mim o tempo: a época em que a comprei, os primeiros usos, estes riscos que foram feitos quando eu raspei materiais metálicos sobre ela, tantas coisas... (Ibid.).

O problema é que Bakhtin e Volochínov pensam de forma dual e Husserl, como um homem solitário, cartesianamente. Já Heidegger dizia que em geral não nos damos conta nem do mundo, nem de nós mesmos. Por isso, cabe determo-nos sobre alguns objetos: esta mesa, esta caneta, este computador, esta cadeira, este quadro, este relógio. Nada dessas coisas constitui, por si mesma, um mundo de sentido. São apenas coisas. Nós é que as juntamos num todo dotado de sentido. Observar esse todo é, para Heidegger, um preocupação prudente, não é uma contemplação desinteressada. E, preocupação temos todos, inclusive aqueles que estão despreocupados. O estar-aqui jamais é sem preocupação, sempre tomamos conhecimento do mundo ao redor e sempre consideramos esse mundo.

O eu não existe, como queria Descartes, «por si mesmo», como algo com evidência permanente. Quando um sapateiro trabalha, ele se concentra na agulha, na linha, no sapato mas não em si mesmo. Isso só acontece quando ele se fere, quando tem um acidente; daí, então, o «eu próprio» ganha significação, mas, afora isso, sua própria pessoa não é considerada. Mas Bakhtin e Volochínov acham que um corpo físico vale por si próprio, não significa nada e coincide com sua natureza (Bakhtin/Volochínov, 1929: 31). Ora, mesmo o corpo para um anatomista não é algo puro, mas sempre corpo com uma história, seja ela história de vícios, de acidentes sofridos na vida, de vida sedentária, de bailarina, seja lá o que for. Uma planta, para o botânico, jamais é um dado puro, é sempre síntese do ambiente em que viveu, dos adubos que recebeu, da poluição que sofreu, das interferências do meio.

Desta forma, não existe um «produto ideológico» diferente do produto em si, tudo é ideológico (se quisermos manter o vocabulário deles), isto é, tudo é «marcado». A foice é um objeto marcado, martelo é um objeto marcado, foice e martelo juntos constituem outro objeto marcado. O fato de remeter a algo situado fora de si mesmo é decorrência de qualquer objeto, não apenas dos

«ideológicos». A questão é que, se vejo todas as coisas como portadoras de outra dimensão, «ideológica» (portanto: falsa, enganosa), suponho, ao mesmo tempo, que possa excluir esse componente que lhe foi agregado e chegar às próprias coisas, puras, «em si». Há aí uma ilusão positivista e cientificista, a de achar que podemos zerar os agregados humanos das coisas e atingir sua pureza. Eles caem, necessariamente, na ingenuidade de Descartes e de Husserl.

### A TEORIA DOS SIGNOS: AS APORIAS DO “TUDO É SIGNO”

O signo para Bakhtin e Volochínov é tanto parte de uma realidade como reflexo e refração de outra realidade (Bakhtin/Volochínov, 1929: 32). Ele pode distorcê-la e ser fiel a ela. É parte da realidade enquanto fenômeno do mundo exterior, dizem eles, como, possivelmente, outras realidades imateriais, como os sentimentos, os humores, as atmosferas, as «cenas», e assim por diante. A outra característica, distorcer ou ser fiel à realidade, evoca, mais uma vez, a dimensão ideológica.

Os autores não especificam o que é exatamente este «ser fiel» a uma realidade e isso provoca pelo menos duas dificuldades. Primeiro, o conceito de realidade, que, ao que tudo indica, os autores consideram (a) existente e (b) única para todas as pessoas. Segundo, o que quer dizer exatamente «fidelidade» nessa relação com a realidade?

A discussão sobre o que é realidade, sobre o que é ou não real, é bem antiga, todos o sabemos. Platão dizia que o devir nos aparece como real em relação ao estável, ao eterno. A realidade, para ele, é a estrutura das coisas, o conjunto imutável das leis que regem o mundo. Ora, mas o pensamento platônico concebe o real por oposição ao aparente, ao ilusório, ao fictício, e Nietzsche desmontou esse engodo em *História de um erro*, dizendo que a verdade é uma mistificação e que, com o desaparecimento da verdade desaparece também a aparência, logo, não existe nem o real nem o aparente, existe nossa relação com o mundo, que é particular, específica, sempre relativa.

Conhecemos isso da discussão retomada por Heinz von Foerster com Humberto Maturana, do Círculo Cibernético. Von Foerster fala que não há realidade externa, que é nosso cérebro que a institui para si mesmo; já Maturana diz que, para o biólogo, a realidade não existe e que o pesquisador que afirma existir «a» realidade é aquele que se acha com acesso privilegiado ao mundo, portanto, superior ao homem comum. Para ele, há tantas realidades quanto observadores e nós literalmente criamos o mundo em que vivemos, vivendo-o. A discussão, naquela altura, remeteu a Luhmann, que, diferente deles, não duvidava que houvesse um meio externo aos homens; contudo, esse mundo, segundo ele, não é um objeto, é apenas um horizonte, portanto, inapreensível.

Se não há uma realidade, mas realidades, é difícil conceber a ideia de fidelidade, já que esta liga-se a um objeto único. Desta maneira, desfazem-se os argumentos de Bakhtin e Volochínov. Assim, se o signo, para eles, é tanto parte de uma realidade como reflexo e refração de outra realidade, podendo distorcê-la ou ser fiel a ela, cabe, agora, sugerir uma pequena correção em seu conceito, propondo que signos são parte de um bem comum a todos, que é a cultura, mas cada um reage à sua maneira diante deles, vendo aquilo que quer ver. Assim, eles não refletem «outra» realidade, mas realidades; não distorcem nada, são fiéis à visão subjetiva, particularista de cada um.

Mais adiante, Bakhtin e Volochínov falam que a palavra é um “signo neutro” (Bakhtin/Volochínov, 1929: 36), que poderia sugerir uma referência à circulação do significante na cadeia linguística. Da mesma forma como eles haviam se referido ao grito do animal como pura reação à dor (o «primeirismo» de Peirce), aqui eles falam de sinal como algo não-pertencente ao domínio do signo ideológico. Torna-se signo, possivelmente, nas fases seguintes. Com isso, eles acreditam refutar a psicanálise (freudiana), que busca nos sinais exteriores indícios para a interpretação do psiquismo. E, de forma indireta, criticam também Husserl e sua teoria da expressão como origem da constituição do signo, ao inserirem esse tipo de lógica nos quadros de um «subjetivismo idealista». Vejamos isso por partes.

Bakhtin e Volochínov constituem um modelo de estudo dos signos muito próximo ao peirceano. Dizem eles que os «temas ideológicos» tornam-se, na consciência individual, índices de valor («temas», para eles, é o mesmo que realidade). Temos aqui aquilo que Peirce chama de «signo mais desenvolvido», que se cria no espírito do observador. Deixa de ser “pura reação do organismo”, quer dizer, um mero «quali-signo» (primeirismo), para ser um «sin-signo» (secundismo), caminho traçado para o terceirismo da interpretação. Até aqui, nada de novo. De forma igualmente peirceana, eles dizem que o psiquismo se estrutura em signos, que fora desse universo semiótico não existe atividade mental. Caímos na mesma aporia de Peirce: o sonho não existe, pois possui um registro próprio, e é, por isso, conforme Peirce, «irrelevante» (Marcondes Filho, 2004).

Da mesma forma, esta visão excludente do psiquismo elimina de todo campo cognitivo as experiências extrassignificas. Bakhtin e Volochínov seguem, neste sentido, um antigo argumento de Berkeley: a consciência não pode conceber aquilo que não é ela, nem pensar aquilo que radicalmente se opõe a ela e que lhe permanece exterior. Assim, é absurdo, na opinião de Berkeley, admitir a existência de uma realidade de cuja matéria não temos como formar nenhuma ideia. Como afirmar aquilo que não se pode conceber? Ora, mas não está justificado – dizem Deleuze e Guattari em *Mil Platôs* – porque mesmo a semiologia

de um sistema não-linguístico deva recorrer à mediação da língua. Por que motivo a linguística tem que ser o interpretante de «*todos*» os outros sistemas, inclusive os não-linguísticos? Essa pretensão «espaçosa» da linguística não se justifica a não ser sob uma ótica de domínio e controle: todos os saberes devem subordinar-se à linguística. Mas não é bem assim. Nas codificações naturais, não se escreve coisa alguma (cf. Deleuze e Guattari, *apud* Marcondes Filho: 2004), não se dispõe de meios para reconhecer nada como signo.

A falácia dos linguistas, que vimos claramente defendida não somente em Richard Rorty (Ibid.), mas também em Humberto Maturana, é a de que, mesmo para exprimir aquilo que cai fora do campo dos signos precisamos fazer uso da linguagem. Confundem-se aqui dois planos: aquele que diz que para tudo que falamos precisamos utilizar o instrumental da linguagem, que é correto, e aquele que acha que falar das coisas é suficiente para esgotá-las, o que é incorreto. Não só não esgota, bem como fica muitíssimo aquém da própria coisa. Trata-se do campo que não é coberto pela linguagem e que somente o falar a respeito não basta. A “máquina abstrata” da linguística, dizem Deleuze e Guattari, pretende abarcar com suas pinças todos os estratos (1982: 85). Mas há o inefável, há a irrepresentabilidade do Holocausto de que falava Lyotard em *Heidegger e os judeus*, há o pré-linguístico de Nietzsche, há as matérias que não são percebidas de Bergson, o invisível de Merleau-Ponty, o inconsciente não-linguístico de Lorenzer, todos os exemplos de Michel Serres sobre os cinco sentidos e tantos outros.

Não me uso da linguagem para «sentir» os fatos, existe o campo daquilo que não se pode dizer e se eu me calo (Wittgenstein), isso não significa que as coisas deixem de existir: elas sobrevivem em seu silêncio linguístico. Eu as percebo sem palavras, elas existem e provocam seus efeitos. O próprio conceito de «acontecimento» é um evento indescritível no campo linguístico e, ao mesmo tempo, central nos estudos de comunicação. A obsessão de tudo explicar em palavras só se justifica por força da tradição positivista, ainda fortemente presente em nosso meio, derivada da filosofia analítica, de que todo real é descritível, e que se não for descritível não é real. A linguagem ocupa o espaço da materialidade no empirismo. Variações do tema positivismo nas ciências humanas.

Entretanto, Bakhtin e Volochínov vão mais além. Para eles, o ato de se sentir fome já está contaminado, ele é “expressão ideológica” (Bakhtin/Volochínov, 1929: 114), assim como os gritos de um recém-nascido, que já seriam uma “orientação de caráter apreciativo” voltada à sua mãe. Este novo ser, que acaba de chegar ao mundo, já está em condições, conforme os autores, de emitir juízos apreciativos. Mas não só isso: respiração, circulação, movimentos do corpo, todas reações fisiológicas têm o mesmo destino semiótico, tornam-se expressivos (Ibid.: 52).

Ocorre aqui uma visível sobreposição de sinais corpóreos físicos e psíquicos aos sinais sociais da comunicação. Os autores defendem que os signos ideológicos banham-se nos signos interiores, na consciência, mas nada justifica dizer que estes, ainda enquanto sinais, como o choro da criança, a circulação sanguínea, já carregam em si o material ideológico. Por “banhar-se de signos interiores” (Ibid.: 57) entende-se que eles se servem de material psíquico individual, que é parcialmente social (pois surge em uma certa sociedade, num certo momento histórico), parcialmente pulsional, instintivo, «animal». Mas, mesmo este «social» o é por inserção contextual obrigatória (nada existe que não seja social), não por orientação apreciativa.

Em parte, isso é reconhecido pelos autores, mas pelo lado equivocado. Eles dizem que se deve estabelecer uma diferença entre indivíduo «natural isolado», não associado ao mundo social, “como o conhece e estuda o biólogo” (Ibid.: 58), e o outro, enquanto superestrutura ideológica semiótica. Ora, mas o primeiro não existe, não há o «corpo puro», fora de seu meio (isso seria uma «robinsonada», como dizia Marx, uma ilusão), sequer para o biólogo, como vimos anteriormente. O corpo é um misto de social e orgânico-pulsional, mas o social não é obrigatoriamente ideológico, quer dizer, no sentido que eles tomam aqui, como possuindo um «significado», remetendo a algo fora de si.

### **CONTRA FREUD, SAUSSURE E OS FORMALISTAS**

Bakhtin e Volochínov afirmam em sua obra conjunta que o pensamento subordina-se, ao mesmo tempo, a dois sistemas: à ideologia, de cujas leis depende, e ao psiquismo, que possui igualmente leis próprias. Assim, quando um paciente submete-se ao tratamento médico, ele realiza uma «avaliação», que se dá pelo seu julgamento individual, mas também, nesse mesmo instante, ele considera o contexto enunciativo, ao apreender, ao mesmo tempo, uma «comunidade de avaliação» no meio social ao qual, segundo Volochínov, o discurso é destinado. Não obstante, os autores fazem desaparecer essa duplicidade quando descrevem o processo através do qual a ideologia nos forma e nos constitui: praticamente não sobra espaço para o psiquismo individual, tudo submete-se ao «magma ideológico». Volochínov, por exemplo, acredita que, na sessão terapêutica, o inconsciente do paciente não se erige contra sua consciência individual, mas contra o médico, contra o «Outro». O sujeito jamais é tomado isoladamente: a capacidade verbal não lhe pertence, mas ao grupo. No ambiente há uma multiplicidade de discursos circulantes que produzem esse magma ideológico, que faz rebentar sobre cada um «ondas de linguagem interior e exterior». Portanto, diz ele, não se trata da escuta do inconsciente mas da escuta do discurso interior que a ideologia de uma sociedade elabora em cada sujeito locutor.

A psicanálise freudiana de esquerda da Alemanha dos anos 1930 também evocava a presença do social e do político na constituição do psiquismo, mas jamais expurgava a intervenção dos agentes nesse processo. Vamos ver reaparecer os reflexos da postura de Bakhtin e Volochínov especialmente no estruturalismo, por exemplo, n' *O Anti-Édipo* e em *Mil Platôs*, de Deleuze e Guattari. Aqui ressurgem as afirmações de que o discurso do paciente não tem a ver apenas com seu drama familiar mas com a sociedade toda (Reich), e também de que a capacidade verbal não lhe pertence, o agenciamento é sempre coletivo e o discurso direto não passa de um “fragmento de massa destacado”. Este, como sabemos, é um dos pilares do estruturalismo, já criticado aqui, especialmente por Lévinas, que reivindica a responsabilização também individual dos discursos.

Com efeito, se refutamos a afirmativa cartesiana de que o eu existe por si próprio e tem evidência permanente, isto é, o voluntarismo, não há porque aceitar seu inverso, de que a totalidade impõe-se por si mesma, ignorando as intervenções dos homens. Sabemos, já desde Marx, que a história é feita por homens, entretanto, de forma inconsciente, sob condições e realidades dadas, porém, mesmo assim, «é feita por homens». A questão é saber até onde vai sua intervenção; evidentemente não podemos tomar homens por meras moléculas, como sugere Lyotard, em *O pós-moderno*, mas podemos olhar o processo como dois momentos independentes: o dos homens individualmente atuando, pretendendo mudar os rumos da história, e o dos resultados, necessariamente sociais, múltiplos, incertos, impessoais, frutos da concorrência de fatores de toda espécie que se encontram num momento dado e promovem a mudança. O homem, individualmente, atua aqui, acolá, mexe, fuça, se empenha, luta; nem sempre o que ele empreende dá em alguma coisa, quase nunca, mas, eventualmente, isso colabora para desencadear processos maiores, que ele, então, já não tem controle. Essa pode ser uma mediação possível entre as duas posições.

Bakhtin e Volochínov enquadram Ferdinand de Saussure na categoria de «objetivismo abstrato», um método que, segundo eles, só se interessa pela lógica interna do sistema de signos. O objetivismo abstrato seria uma derivação da gramática universal de Leibniz e lá, sob leis imutáveis, o livre arbítrio não teria nenhuma chance.

Saussure, como sabemos, diz que as palavras não têm valor por si mesmas, elas o adquirem no jogo com as demais no interior de uma língua. Ora, dizem Bakhtin e Volochínov, os contextos de constituição linguística não são simplesmente dados, eles encontram-se numa situação de conflito e luta e é na passagem de um contexto a outro que os deslocamentos do acento de valor de uma palavra são relevantes. A polissemia vem daí, do jogo interenunciativo da sociedade e das contradições que ela gera.

Isso pode ser visto na prática entre locutor e ouvinte, espaço onde se dá a produção linguística concreta. Locutor e ouvinte desempenham, ambos, seu papel, fazendo um julgamento da situação no momento em que um conteúdo qualquer é expresso pela palavra viva; essa expressão não é neutra, ela é acompanhada de um acento apreciativo. No mesmo sentido que fala Bateson a respeito dos diversos planos da linguagem verbal, os autores russos dizem que quando o locutor acentua esta ou aquela parte do enunciado, quando ele modula a entonação, dando uma forma às suas intenções, colorindo-a de diversos valores, o ouvinte decodifica também esse nível, que é mais decisivo que a própria substância das palavras. O «como» vale mais que o «quê».

No plano social maior, a ideologia adquire sua forma e a enunciação passa por uma orientação apreciativa, como dizem eles. Assim, além do lado sonoro de uma palavra, de sua significação material, das interrelações puramente verbais (tudo isso ainda dentro do modelo de Saussure), é preciso adicionar a entonação com que a enunciação é feita, a produção de sentido e de apreciação. A enunciação encerra, assim, uma tomada de posição.

O jogo linguístico, para esses estudiosos russos, não acontece apenas no plano da significação mas também naquilo que eles chamam de «tema», que é sua inserção na sociedade. Tema e significação constituem juntos o sentido. Isso pode ser visto mais claramente no discurso indireto, que é um discurso dentro de outro; reproduzo o que João me disse, mas é também um comentário a respeito, uma enunciação sobre uma enunciação, dizem eles. Logo, encerra em si um componente ativo do narrador. O discurso do outro é enxertado no meu e, ao transferi-lo ao meu interlocutor, transfiro, também, minhas impressões a respeito. Nos atos da fala, assim, não vem tanto ao caso as formas gramaticais estáveis, mas suas modificações oriundas de suas enunciações de caráter individual.

No entanto, Bakhtin e Volochínov têm outro foco, a saber, interno, que são os formalistas. Estes antecipam o movimento que mais tarde irá se expandir em toda Europa, de a Linguística tentar abarcar sob seu manto todas as demais áreas humanísticas. O imperialismo das filosofias da linguagem é combatido por estes teóricos russos ao dizerem que não se pode dissolver a lógica e a estética, sequer a poética, no linguístico.

Nesta questão, contudo, é Medvedev quem faz a crítica, em seu *O método formal*. Para ele, há uma esfera chamada «universo semiodiscursivo» que circunda o homem, dotado de significação, de sentido, de «valor interno», composto da arte, dos trabalhos científicos, dos símbolos religiosos, dos mitos, dos objetos materiais. Mas todos estes só se tornam efetivamente «realidades ideológicas» realizando-se nas palavras, nos atos, das vestimentas, nas maneiras. É através

disso que estes objetos e estas ações tornam-se parte prática da realidade em torno do homem. Objetos, atos, são «cruzados» por «ideologemas», por produtos ideológicos, diz Medvedev. O homem constitui sua consciência social ao deparar-se com eles e ao se colocar a escolha: devo ou não apropriar-me deles? Nesse exato momento, sua consciência não será mais apenas individual, mas agora também consciência (social). É a decisão, portanto, que marca a passagem (da mesma forma como para o construtivismo de Heinz von Foerster, é a decisão que define o que é do que não é informação ou comunicação).

Como vimos, no universo semiodiscursivo de Medvedev está a afirmação de que tudo que é ideológico é signo, portanto, na submissão desse grande magma, que é a ordem das ideologias, ao contexto dos signos (supostamente, o território dos signos é mais abrangente). A ideologia se constrói a partir dos signos que pertencem à linguagem. Signo e ideologia pertencem a uma outra ordem que não a das «coisas naturais»; são, antes, construções culturais. Mas, apesar de cada domínio formular seus signos e símbolos específicos, «a palavra permanece neutra», afirmação singular e intrigante. Não parece que eles estejam raciocinando como Lacan e sua cadeia de significantes (em Lacan, não há nem política – ou «ideologia» – nem essa concepção de neutralidade: os significantes funcionam de fato e são eles, não o significado, que constituem a trama das relações sociais, logo, têm força vinculante); o que mais sugere esta afirmação é que eles estão pensando como os estoicos, vendo as palavras como «corpos», igual aos demais corpos do real, que não existem «em si», mas apenas quando percorridos, atravessados, atualizados pelos incorpóreos. No caso, o incorpóreo seria a avaliação enunciativa.

Relembremos a semiologia estoica: para os estoicos, o pensamento é um corpo, assim como o som (a palavra). O corpo pode ser representado por uma palavra, que lhe adiciona um atributo incorpóreo mas que em nada lhe altera. Suprime-se, dessa forma, qualquer relação intrínseca entre a palavra e a coisa, uma vez que essas são corpos com uma dimensão adicional, incorpórea: o incorpóreo na palavra é o seu sentido; na coisa, são seus atributos. A coisa permanece inalterável e a palavra lhe acrescenta algo de acidental, um acontecimento. São também exprimíveis os julgamentos, as associações de julgamentos, em suma, o discurso que envolve a relação entre coisas (logo: a avaliação, de Medvedev).

Considerando o processo da comunicação, os formalistas dizem que ela acontece quando *A* transmite uma comunicação *X* para *B*. Mas Medvedev pensa diferente, e, ao estilo de Bakhtin e Volochínov, diz que a relação entre *A* e *B* não é só isso, ela muda no decurso do processo. Mais ainda, antecipando-se aos autores contemporâneos, fala que não existe sequer a mensagem *X* sem interação social; ela só acontece quando gerada no processo, quando é construída entre

eles. É, portanto, o ato que realiza efetivamente a comunicação. No momento (estoico) do acontecimento, as palavras ganham energia vital, tornam-se realidades («ideológicas») e passam a viver. Mas isso não pode ser explicado pelo modelo hegeliano, que parece ser seguido por eles (via Marx e seus leitores culturalistas), mas pelo modelo de Heidegger que, como vimos antes, diz não haver diferença entre o ser natural e o ser ideológico, só existindo o ser «marcado»: eu, quando olho para uma determinada coisa, eu a «situo», eu a enquadro em seu contexto histórico, físico, cultural. Para os estoicos, este situar é a atribuição de sentido, é a presença do incorpóreo, uma dotação que eu faço às coisas no exato momento em que eu as olho. Tal apreensão «fenomenológica» é estranha ao marxismo que opera com categorias estruturais de existência da coisa como subproduto «metafísico» dos objetos («puros»).

#### DETALHAMENTOS

**Ao tópico:** BAKHTIN, VOLOCHÍNOV E MEDVEDEV, O GRUPO BMV e AS POSIÇÕES INGÊNUAS

«Bakhtin, Volochínov e Medvedev». Histórico do grupo: início dos anos 30: Bakhtin, Medvedev e Volochínov trabalham juntos (Grupo BMV). Volochínov morre em 1934, Medvedev num KZ em 1938 (Peytard, 1995: 11).

«Obras polemicamente atribuídas a Bakhtin». Anos 20: *O freudismo*, 1927; *O método formal*, 1928; *Marxismo e a filosofia da linguagem*, 1929, e *Problemas da obra de Dostoievski*, 1929. Obras posteriores oficialmente de Bakhtin, período 1963-79: *Poética de Dostoievski*, 1963; *A obra de François Rabelais*, 1965; *Questões de literatura e de estética*, 1975. Obra póstuma: *Estética da criação verbal*, 1979 (Peytard, 1995: 11).

«Defendem Bakhtin como único autor»: Roman Jakobson, Marina Yaguello e Viacheslav V. Ivanov, este último, semioticista russo, que diz que Volochínov e Medvedev “procederam apenas pequenas interpolações; eles também modificaram algumas partes destes artigos e destes livros” (Peytard, 1995: 19).

«Bakhtin e as máscaras». Os defensores dizem que Bakhtin não teria dado seu nome por não querer se sujeitar a imposições de seu editor e “a outra ordem de motivos seria mais pessoal e ligada ao caráter de Bakhtin e a seu gosto da máscara e da duplicação e, também, ao que parece, à sua profunda modéstia científica” (Ibid.).

«Bakhtin: suspeito?» “Bakhtin não terá jamais problemas com o regime, continuando a ensinar, publicando seus trabalhos, em particular sobre Dostoievski, depois, sobre Rabelais, enquanto Volochínov vai desaparecer nos campos, sem dúvida, logo depois da publicação de seu segundo livro. [...] Nos anos 1970, um rumor se espalha, segundo o qual nem Volochínov nem

Medvedev (outro membro do grupo) teriam realmente escrito os livros que eles teriam assinado: eles teriam emprestado seu nome a seu «mestre» para permitir-lhe publicar sem perigo...” (Calvet, 1993: 11).

«Fatos obscuros do grupo». “Começa com uma não semelhança que faz de Bakhtin um «mestre», do qual seus «discípulos» teriam sua idade e permite à União Soviética apagar a possibilidade que os livros importantes e agora republicados tenham podido ser escritos por pessoas mortas nos campos. Mantém-se que Volochínov, que não teria escrito nada, segundo este cenário, morreu desta ausência de escritos, enquanto Bakhtin, que teria trabalhado na sombra, apesar da imposição do marrismo, pôde, em seguida, retornar na dianteira da cena” (Calvet, 1993: 12).

«Sobre Tzvetan Todorov» e suas considerações sobre a relevância de Volochínov e de Medvedev e a necessidade de recuperá-los, consultar Paytard (1995: 19-21).

«Sobre as pretensões do materialismo dialético». As ilusões objetivas: “Uma das tarefas mais essenciais e urgentes do marxismo é constituir uma psicologia verdadeiramente objetiva” (Bakhtin/Volochínov, 1929: 48). (...) “O primeiro e principal problema que se coloca, a partir dessa ótica, é o da apreensão objetiva da «vivência interior»” (Ibid.).

«Se é real, então é racional». “Em sua forma pura, o signo interior, isto é, a atividade mental é acessível apenas à introspecção” (Bakhtin/Volochínov, 1929: 61). “(...) o objeto da introspecção é o signo interior que pode também, por sua natureza, ser signo exterior. O discurso interior pode, igualmente, ser exteriorizado. (...) A atividade mental não é visível nem pode ser percebida diretamente, mas, em compensação, é compreensível” (Ibid.).

«Sobre Heidegger e os objetos», consultar: Inwood, s/d, Cap. 5.

#### **Ao tópico: A TEORIA DOS SIGNOS: AS APORIAS DO “TUDO É SIGNO”**

«Signos: verdade e falsidade». “Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico, etc.” (Bakhtin/Volochínov, 1929: 32).

«Signo: fragmento da realidade» “Cada signo ideológico não é apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade” (Bakhtin/Volochínov, 1929: 33).

«Signo: fenômeno do mundo exterior», “Um signo é um fenômeno do mundo exterior” (Bakhtin/Volochínov, 1929: 33). “Originariamente, a palavra deve ter nascido e se desenvolvido no curso do processo de socialização dos indivíduos, para ser, em seguida, integrada ao organismo individual e tornar-se fala interior” (Bakhtin/Volochínov, 1929: 64).

«Palavra: signo neutro». Mas a palavra não é somente o signo mais puro, mais indicativo; é também um signo *neutro* (Bakhtin/Volochínov, 1929: 36). Eu: neutro = puro significante (que se desloca).

«Signo e sinal». O sinal não pertence ao domínio da ideologia (Bakhtin/Volochínov, 1929: 93). *Leitura de sinais: contra a psicanálise*. “Somente um concurso infeliz de circunstâncias e as inextirpáveis práticas da reflexão mecanicista puderam induzir certos pesquisadores a fazer desses «sinais», praticamente, a chave da compreensão da linguagem e do psiquismo humano” (Bakhtin/Volochínov, 1929: 94).

«A expressão: contra Husserl (“subjetivismo idealista”)». “(...) o idealismo, que deu origem a todas as teorias de expressão, engendrou igualmente teorias que rejeitam completamente a expressão, considerada como deformação da pureza do pensamento interior. Em todo caso, todas as forças criadoras e organizadoras da expressão estão no interior. O exterior constitui apenas o material passivo do que está no interior. Basicamente, a expressão se constrói no interior; sua exteriorização não é senão a sua tradução. Disso resulta que a compreensão, o comentário e a explicação do fato ideológico devem dirigir-se pra o interior, isto é, fazer o caminho inverso do da expressão: procedendo a objetivação exterior, a explicação deve infiltrar-se até as suas raízes formadoras internas” (Bakhtin/Volochínov, 1929: 112).

«Rastros de Peirce em Bakhtin e Volochínov». “O tema ideológico [= a realidade] possui sempre um índice de valor social”. (...) [Na consciência individual] “eles se tornam, de certa forma, índices individuais de valor.” (...) “O índice de valor é por natureza «interindividual». O grito do animal, enquanto pura reação de um organismo individual à dor, é despido de índice de valor. É um fenômeno puramente natural” (Bakhtin/Volochínov, 1929: 45).

«A evolução do signo»: “Assim, os temas e as formas de criação ideológica crescem juntos e constituem no fundo as duas facetas de uma só e mesma coisa” (Bakhtin/Volochínov, 1929: 46).

«Tudo é signo; toda atividade interior é exprimível»: “Que tipo de realidade pertence ao psiquismo subjetivo?

«A realidade do psiquismo interior é a do signo». Sem material semiótico, não se pode falar em psiquismo” (Bakhtin/Volochínov, 1929: 49). “(...) a atividade mental é expressa exteriormente com a ajuda do signo (...) mas, ainda que para o próprio indivíduo, ela só existe sob a forma de signos. Fora deste material semiótico, a atividade interior, enquanto tal, não existe. Nesse sentido, «toda atividade mental é exprimível», isto é, constitui uma expressão potencial” (Bakhtin/Volochínov, 1929: 51).

«Sentir fome é expressão ideológica». “(...) a simples tomada de consciência, mesmo confusa, de uma sensação qualquer, digamos a fome, pode dispensar uma expressão exterior mas não dispensa uma expressão ideológica...” (Bakhtin/Volochínov, 1929: 114). «Os gritos do recém-nascido»: “(...) sem uma orientação social de caráter apreciativo não há atividade mental. Mesmo os gritos de um recém-nascido são orientados para a mãe” (Bakhtin/Volochínov, 1929: 114).

«Material semiótico do psiquismo». “Todo gesto ou processo do organismo: a respiração, a circulação do sangue, os movimentos do corpo, a articulação, o discurso interior, a mímica, a reação aos estímulos exteriores (por exemplo, a luz), resumindo, «tudo que ocorre no organismo pode tornar-se material para a expressão da atividade psíquica, posto que tudo pode adquirir um valor semiótico, tudo pode tornar-se expressivo” (Bakhtin/Volochínov, 1929: 52).

«Sobre tiques nervosos, gestos reflexos» ver Bakhtin/Volochínov, 1929: 52. E também: “(...) mesmo para o fisiólogo, mesmo para o biólogo, é importante levar em conta a função semiótica expressiva (e, portanto, a função social) dos processos fisiológicos correspondentes. Sem isso, ele não compreenderá seu papel biológico no conjunto do funcionamento do organismo. Nesse ponto, mesmo o biólogo não pode excluir o ponto de vista do sociólogo” (Bakhtin/Volochínov, 1929: 53).

«Ideológico banha-se em signos interiores». “(...) todo fenômeno ideológico, ao longo do processo de sua criação, passa pelo psiquismo, como por uma instância obrigatória. Repetindo: todo signo ideológico exterior, qualquer que seja sua natureza, banha-se nos signos interiores, na consciência. Ele nasce deste oceano de signos interiores e aí continua a viver, pois a vida do signo exterior é constituída por um processo sempre renovado de compreensão, de emoção, de assimilação, isto é, por uma integração reiterada no contexto interior” (Bakhtin/Volochínov, 1929: 57).

«Mão dupla»: “(...) toda expressão semiótica exterior, por exemplo, a enunciação, pode assumir duas orientações: ou em direção ao sujeito, ou, a partir dele, em direção à ideologia” (Bakhtin/Volochínov, 1929: 60).

«Na origem, o externo»: “O pensamento pouco a pouco toma forma, apoiando-se no sistema ideológico, pois ele próprio foi engendrado pelos signos ideológicos que assimilei anteriormente” (Bakhtin/Volochínov, 1929: 58).

«Robinsonada de Bakhtin/Volochínov». “Para evitar mal-entendidos, convém sempre estabelecer uma distinção rígida entre o conceito de indivíduo natural isolado, não associado ao mundo social, tal como o conhece e estuda o biólogo, e o conceito de individualidade, que já se apresenta como uma superestrutura ideológica semiótica” (Bakhtin/Volochínov, 1929: 58). Duplo lugar, a relativização: “(...) meu pensamento, desde a origem, pertence ao sistema

ideológico e é subordinado a suas leis. Mas, ao mesmo tempo, ele também pertence a um outro sistema único, e igualmente possuídos de suas próprias leis específicas, o sistema do meu psiquismo” (Bakhtin/Volochínov, 1929: 59).

**Ao tópico: CONTRA FREUD, SAUSSURE E OS FORMALISTAS**

«O pensamento é tanto ideológico como “psíquico”». “(...) meu pensamento, desde a origem, pertence ao sistema ideológico e é subordinado a suas leis. Mas, ao mesmo tempo, ele também pertence a um outro sistema único, e igualmente possuídos de suas próprias leis específicas, o sistema do meu psiquismo”. (Bakhtin/Volochínov, 1929: 59).

«A enunciação nunca é individual; Deleuze e Guattari usaram-se dessa teoria». «A enunciação individual (a ‘parole’), contrariamente à teoria do objetivismo abstrato, não é de maneira alguma um fato individual que, pela sua individualidade, não se presta à análise sociológica”. (Bakhtin/Volochínov, 1929: 121). “(...) Qualquer enunciação, por mais significativa e completa que seja, constitui apenas uma «fração» de uma corrente de comunicação verbal ininterrupta (concernente à vida cotidiana, à literatura, ao conhecimento, à política, etc.)” (Bakhtin/Volochínov, 1929: 123). Deleuze fala em “fragmento” (que é a mesma coisa).

«Ver ainda»: “Qualquer capacidade verbal de nosso comportamento (seja da ‘linguagem exterior’ ou ‘interior’) não pode, em caso algum, ser colocada na conta de um sujeito individual tomado isoladamente; não é a ele que ela pertence mas a seu grupo, ao seu ambiente social”.

«Le freudisme»: 182 (Peytard, 1995: 30).

«Contra Freud». Inicialmente, a crítica pobre: “A psicanálise é a carne da carne, o sangue do sangue da ideologia burguesa decadente”, (Volochínov, *Le freudisme*, trad. francesa, p. 212, citado por Peytard, 1995: 26). Ver também: “O que os mecanismos psíquicos facilmente nos mostram é sua origem social, um «inconsciente» erigido não contra a consciência individual do doente, mas antes de tudo, contra o médico, contra aquele que ouve, em uma palavra, contra o Outro”.

«O freudismo», idem: 175 (Peytard, 1995: 28). Ver também: “Todo locutor, na construção de seu enunciado, é sensível ao ambiente discursivo. Ele sente que falar não acontece sem uma «avaliação» da situação na qual ele (se) enuncia, sem uma avaliação do contexto enunciativo, isto, dos enunciados que já estão lá. Mas a «avaliação» não vem somente pelo julgamento/sentimento do locutor individual, ‘ há também (simultaneamente apreendida) uma comunidade de avaliação que se supõe existir no meio social ao qual o discurso se vê destinado”.

«O freudismo», idem: 195 (Peytard, 1995: 29).

«Equívocos de Volochínov a respeito de Freud»: toma o diálogo clínico como um diálogo com o outro, ora, mas não se trata de uma conversa (Peytard, 1995: 29).

«Contra Saussure: linguística geral é um sistema algébrico». Para os autores, o “objetivismo abstrato” só se interessa pela lógica interna do sistema de signos em si mesmo; o sistema tido como uma “algébrico” (Peytard, 1995: 34). O signo matemático como gramática universal de Leibniz: ver Bakhtin/Volochínov (1929: 84).

«Há um sistema que coage»: “Entre este «sistema formal de relações abstratas», da forma como o instaura e o estrutura o linguista, e o «sistema de normas» que a consciência subjetiva do locutor sente como algo que coage, a diferença será considerável” (Peytard, 1995: 34). Sobre as “leis imutáveis, completamente privadas do livre arbítrio dos indivíduos locutores”, consultar Bakhtin/Volochínov (1929: 88).

«Contra Saussure: “O valor muda com a mudança de contexto». Os contextos não são simplesmente justapostos [...], eles se encontram numa situação de interação e de luta tensa e sem tréguas. O deslocamento do acento de valor da palavra de um contexto a outro é totalmente ignorado pela linguística” (Bakhtin/Volochínov, 1929: 116. In: Peytard, 1995: 35).

«Contra Saussure: a avaliação». “Volochínov, voltado tanto na direção do locutor quanto daquele que ouve, nesta divisão da semantização, em que cada um desempenha seu papel julgando a situação onde ele é tomado, coloca que no momento em que um conteúdo objetivo é expresso (dito ou escrito) pela palavra viva, ele é sempre acompanhado de um «acento apreciativo» determinado. Num primeiro nível, no oral, o locutor distribui os acentos sobre tal ou tal segmento do enunciado, modula sua entonação e, deste fato, dá uma forma («modalise») a seu propósito, isto é, o colore de diversos valores, enquanto aquele que ouve interpreta esta melodia que produz mais sentido do que o faz a substância das palavras” (Peytard, 1995: 37-38).

«Contra Saussure: a linguística é redutora»: “Ela sinaliza de forma unilateral (*elle monosémise*), ignorando o jogo interenunciativo da sociedade e as contradições geradas por ela, que fazem com que a palavra, o signo verbal tenham um estatuto polissêmico essencial” (Peytard, 1995: 37).

«Contra Saussure: linguagem como membrana». “Volochínov opõe à representação engenhosa que o linguista talha do sistema da língua a prática do locutor-ouvidor, engajado em situações de produção linguística concreta. Estamos sempre nesta intersecção do «interior» e do «exterior». O capital-linguagem do sujeito constrói-se na e pela experiência cotidiana de troca. Dito de outra maneira, não existe signo a não ser contextualizado e interiorizado como tal” (Peytard, 1995: 35).

«Contra Saussure: significação e “tema”». “Tema e significação. O primeiro é característico do ato enunciativo, situado socialmente. O segundo pertence

à ordem dos componentes do enunciado” (Peytard, 1995: 37). “Chamaremos o sentido da enunciação completa, seu tema [...], levando em conta não apenas as formas linguísticas [...]. Mas igualmente os elementos não verbais da situação” (Bakhtin/Volochínov, 1929: 142). “O «tema» é um sistema de signos dinâmicos e complexo. A «significação» é um aparelho técnico de realização do tema” (Bakhtin/Volochínov, 1929: 143).

«Sobre a avaliação»: “Mais largamente ainda, no ambiente da «comunicação geral», lá onde a ideologia adquire sua forma, toda enunciação vivencia uma «orientação apreciativa». Dito de outra maneira, na troca e na circulação de enunciados funciona uma avaliação enunciativa” (Peytard, 1995: 38).

«Discurso indireto»: “O «discurso narrado» é o discurso dentro do discurso, a enunciação dentro da enunciação, mas é, ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação” (Bakhtin/Volochínov, 1929: 161).

«Sobre a decisão do receptor»: “Mais claramente, diz: narrar um discurso externo é extrair um segmento do discurso do ambiente e o ato de extração obriga a julgar, a pesar, a avaliar – como será o caso para o ato de inserção” (Peytard, 1995: 39). “É no quadro do discurso interior que se efetua a apreensão da enunciação do outro, sua compreensão e sua apreciação, isto é, a orientação ativa do locutor” (Bakhtin/Volochínov, 1929: 165).

«Contra Saussure: não importa o estável mas as modificações». “Segue-se que, em todo ato de fala, o importante, do ponto de vista da evolução da língua não são as formas gramaticais estáveis, efetivas e comuns a todas as demais enunciações da língua em questão, mas sim a realização estilística e a modificação das formas abstratas da língua, de caráter individual e que dizem respeito apenas a esta enunciação” (Bakhtin/Volochínov, 1929: 76).

«Contra o formalismo: a palavra, cinco elementos». 1. o lado sonoro da palavra; 2. sua significação material; 3. suas relações e inter-relações puramente verbais; 4. o aspecto de entonação da palavra; 5. o sentimento de engendrar tanto sentido quanto apreciação, dito de outra forma, o sentimento de um movimento, de uma tomada de posição, que se referiria ao homem inteiro... O quinto e último elemento reflete os quatro outros (Bakhtin/Volochínov, 1929: 75. In: Peytard, 1995: 43).

«Contra o formalismo (formalistas russos): imperialismo linguístico». “Se nós diluirmos a lógica e a estética, ou somente a poética na linguística, nós destruiremos a originalidade tanto do campo lógico como do campo estético e, da mesma forma, o campo linguístico” (Bakhtin/Volochínov, 1929: 57).

«Contra o formalismo: objetos e significações embutidas». “Há um universo «semiodiscursivo» que contém materialmente ‘todos os produtos de uma criação

ideológica: obras de arte, trabalhos científicos, símbolos religiosos e ritos, objetos materiais, parte da realidade prática que circunda o homem [...], objetos de uma natureza especial que possuem significação, sentido, valor interno. Mas estes sentidos e estes valores estão inseridos nos objetos materiais e nas ações [...] que se tornam realidades ideológicas somente realizando-se nas palavras, nos atos, nas vestimentas, nas maneiras [...], em suma, em qualquer material semiótico definido. Através desde material eles se tornam uma parte prática da realidade que circunda o homem” (Peytard, 1995: 45).

«Contra o formalismo: ideologema» (produtos ideológicos em que se cruzam um objeto e seu valor). «A decisão». De que forma a ideologia é este lugar onde o sujeito, como indivíduo singular, experimentando seu ambiente sócio-semiótico, pode se construir? O sujeito depara-se com «ideologemas», lá, fora de si mesmo, mas sua atividade será a de se apropriar deles ou de rejeitá-los, gesto pelo qual ele se torna consciência” (Peytard, 1995: 45). “A consciência individual só pode tornar-se uma consciência se ela se realizar nas formas de ambientação ideológica que lhe é própria” (Peytard, 1995: 45).

«Contra o formalismo»: Não existe “a” comunicação enquanto tal. “Em realidade, a relação entre A e B [para os formalistas: A transmite uma comunicação X a B] é constantemente mutante e geratriz (*changeante et générante*) e ela própria muda no decurso do processo de comunicação. E não há mensagem X sem interação. Ela é gerada no processo interativo entre A e B” (Medvedev, *O método formal*: 152). “O que se deve destacar é que a «mensagem» não existe em si, como um objeto, dado/terminado de uma vez por todas” (Peytard, 1995: 49). “A mensagem X não é transmitida de um a outro mas é construída entre eles (A e B) como uma espécie de ponte ideológica, ela é construída no processo de interação deles. E este processo produz de uma só vez a unidade temática da obra em seu engendramento e a forma de sua realização concreta” (Medvedev, *O método formal*: 152).

«A palavra como “neutra”». Contra a linguística, Medvedev advoga que a palavra, fenômeno ideológico por excelência, é “neutra”: “Cada domínio possui seu próprio material ideológico e formula seus signos e símbolos que lhes são específicos [...], a palavra, ao contrário, é neutra diante de toda função ideológica específica. Ela pode preencher funções ideológicas de todos os tipos: estética, científica, moral, religiosa” (Bakhtin e Volochínov, 1929: 32. In: Peytard, 1995: 32).

«Signo e ideologia». Para Bakhtin e Volochínov, (1) tudo que é ideológico é signo (2) consideram material técnico não como signo (pleno). “Tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não há ideologia [...]. Um produto ideológico pertence a uma realidade (natural ou social) como qualquer corpo físico [...] mas, adicionalmente, ele reflete e refrata uma outra realidade que lhe é exterior.

Tudo que é ideológico possui um referente que envia a qualquer coisa que se situa fora dele. Em outras palavras, tudo que é ideológico é um signo [...] ao lado dos fenômenos naturais, do material técnico e dos produtos de consumo, há um universo particular, o «universo dos signos» [...]. Lá onde se encontra o signo, encontra-se também a ideologia. Tudo que é ideológico possui um valor semiótico” (Bakhtin/Volochínov, 1929: 25-27. Cf. Peytard, 1995: 31-32).

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail [V.N. Volochínov, 1929] (1986). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 3. ed. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo: Hucitec.
- BARSKY, Robert (1996). Chomsky’s Challenge: The Pertinence of Bakhtin’s Theories. Disponível em: < <http://www.chomsky.info/onchomsky/1996---.htm> >
- CALVET, Louis-Jean (1993). *La sociolinguistique. Col. Que sais-je?* Paris: PUF, 1993.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. (1982). *Mille Plateaux. Capitalisme et Schizophrénie*. Paris: Minuit.
- INWOOD, Michael, *Heidegger*. Freiburg, Basel, Wien: Herder, s/d.
- MARCONDES FILHO, Ciro (2004). *O escavador de silêncios – Formas de construir e de desconstruir sentidos na Comunicação – Nova Teoria da Comunicação II*. São Paulo: Paulus.
- PEYTARD, Jean (1995). Mikhail Bakhtine: *Dialogisme et analyse du discours*. Paris: Bertrand-Lacost.

---

Artigo recebido em 19 de abril de 2008 e aprovado em 27 de maio de 2008.

